

ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO TÉCNICO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO PROJETO CINEMÓRIA – A HISTÓRIA DAS SALAS DE CINEMA DO ESPÍRITO SANTO (1907-2008).

André Malverdes¹

Resumo:

O acervo fotográfico “CineMemória” é uma iniciativa no âmbito do projeto de pesquisa “Acervos pessoais e memória coletiva: organização e tratamento técnico do acervo história da exibição cinematográfica no Espírito Santo” do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo. A pesquisa possui um acervo fotográfico composto por 173 documentos iconográficos, produzidos entre 1907 e 2008, retratando as salas de cinemas no Espírito Santo nas inaugurações, interiores, fachadas e eventos, além de material da imprensa local e registros audiovisuais com ex-proprietários e frequentadores das salas de exibição. Para a organização e o arranjo desse material realizou-se uma pesquisa bibliográfica e contatos com ex-proprietários das salas de cinema visando a aquisição e estabelecer as informações necessárias para descrever e organizar essas fotografias. Os objetivos desse artigo é relatar a experiência da organização e descrição do acervo fotográfico CineMemória reproduzida a partir de originais de vários acervos pessoais e familiares.

Palavras Chaves: Salas de exibição, fotografia, memória.

Abstract:

The photographic collection "CineMemória" is an initiative under the research project "Collections personal and collective memory: organization and technical treatment of the collection history of cinema exhibition in the Espírito Santo," Archival Department of the Federal University of Espírito Santo. The survey has a photographic collection consists of 173 iconographic documents, produced between 1907 and 2008 that depict the cinemas in the Espírito Santo in the openings and other events, their interiors and facades, as well as material from the local press and audio-visual records former owners and patrons of the theaters. For the organization and arrangement of this material, we performed a literature search and contacts with former owners of movie theaters for the acquisition and establishment of the necessary information for describing and organizing these photographs. The aim of this paper is to report the experience of organization and description of the photographic collection CineMemória, reproduced from originals of various personal and family collections.

Keywords: exhibition halls, photography, memory.

¹ Mestre em História Social - Doutorando - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação – Doutorado Interinstitucional Unb / UFES - Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas – Av. Fernando Ferrari, 514, campus de Goiabeiras, Vitória-ES – CEP 29.075-910. E-mail: malverdes@ccje.ufes.br.

1 A EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA NO ESPÍRITO SANTO

A história da arte cinematográfica e da indústria do cinema no Espírito Santo tem aspectos interessantíssimos a serem investigados adequadamente que demonstrarão como, desde os primórdios do último século, a sociedade urbana capixaba incorporou ir ao cinema à vida cotidiana e conviveu com as fachadas dos cinemas cobertos de cartazes que compuseram o cenário das ruas da cidade na época dos “cinemas de calçada”².

A primeira projeção cinematográfica reconhecida na história, pelo menos com objetivo comercial, foi em 1895, no salão indiano Grand Café, no boulevard Capucines em Paris com o Cinematógrafo Lumière. Em 1896, o cinema chegou ao Brasil e as primeiras exhibições ocorreram na Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro (MALVERDES, 2008, p.19).

De acordo com Fernando Tatagiba, em *A História do cinema capixaba* (1998), o Éden Cinema foi palco das primeiras exhibições com fins comerciais no Estado. Foi inaugurado em 13 de janeiro de 1907 e pertencia à empresa Camões & Mayo, o que é confirmado com a publicação no Jornal Oficial de 15 de janeiro de 1907.

Podemos situar a história da exibição cinematográfica no Espírito Santo em três momentos distintos. O primeiro momento, compreendido entre 1907 e 1930, era dos filmes curtos, com apresentações em parques e teatros. Com o cinema mudo era necessário o acompanhamento de orquestras e técnica do teatro para dar o som e o sentido dos movimentos do filmes.

Num segundo momento, as salas ganharam as cidades, os bairros e o interior. Acompanhado de uma expansão urbana, a ampliação da eletricidade, os bondes elétricos e a urbanização o cinema ganha sinônimo de modernização e desenvolvimento aos bairros e cidades que contavam com uma sala de exibição. No “escurinho dos cinemas” a cidade vivia o momento das grandes salas que chegavam a 1.500 lugares disputados por todos como forma de *status*, como ocorreu na estréia de filmes oriundos da Atlântida e Vera Cruz³.

² Termo utilizado para designar os cinemas de rua, em oposição aos cinemas do shopping, no qual ao passeio e a calçada era o principal meio de locomoção do espectador pelas várias salas que existiam na cidade.

³ Companhias cinematográficas que marcaram grandes lançamentos do cinema nacional, no caso da Atlântida os filme das Chanchadas (Gênero cinematográfico que marcou a década de 50) levava multidões às salas.

Num terceiro momento houve uma retração do público e uma diminuição das salas. Entre 1975 e 1985 houve um significativo desmantelamento do parque exibidor nacional, uma ascensão da pornochanchadas como gênero e uma mudança da geografia das salas.

Segundo Tatagiba (1998), Vitória chegou a funcionar com 13 (treze) salas de cinema. Em levantamento realizado na pesquisa constatamos mais de 65 salas funcionando em todo o Espírito Santo. O registro, fotografias e informações sobre essas salas só foram possíveis graças a pesquisa nos arquivos pessoais dos ex-proprietários, ex-funcionários e ex-frequentedores das salas de exibição.

O termo arquivos pessoais, para fim dessa pesquisa, pode ser definido como o conjunto de documentos produzidos e/ou pertencentes a uma pessoa, indivíduo, resultados de uma atividade profissional ou cultural específica. Ressaltamos que a uma distinção entre os acervos pessoais dos arquivos privados, que podem ser constituído por uma instituição, e, também, dos acervos familiares, que são formados por uma transmissão em várias gerações (VIDAL, 2007, p.4). No nosso caso os arquivos pessoais foram as fontes que possibilitaram a reunião do acervo em questão e foram completadas por uma pesquisa realizada em arquivos públicos no estado.

Além dos acervos tradicionais trabalhamos sobre essa vivência com a história oral, um procedimento integrado que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram do processo histórico ou testemunharam acontecimento objetivando a construção de fontes que subsidiam a pesquisa e o acervo sobre a história das salas de cinema no Espírito Santo.

Compreendemos como história oral o procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2006, p.15). De acordo com Meihy (*apud* DELGADO, 2006), é um procedimento de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação.

No que diz respeito à memória são inúmeros os seus significados. Para Marilena Chauí: “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125). Justamente a memória que permite a sobrevivência do passado, conforme asseverou Jacques Le Goff (1990), mediante o exercício do pensamento simbólico, a história se eterniza na consciência humana.

O trabalho de pesquisa de normalização descritiva do acervo é de suma importância na potencialização do processo de geração de conhecimento desse acervo. A padronização da descrição através das Normas Brasileiras de Descrição tem como objetivo proporcionar uma maior qualidade ao trabalho técnico, contribuir na economia dos recursos aplicados e a otimização das informações recuperadas (BRASIL, 2006).

Observamos em nossos estudos que, no período entre 1979 e 1985, o número de salas de cinema no Espírito Santo caiu pela metade, entretanto, observamos que não podemos pensar na perda do prestígio do cinema apenas pelos efeitos atribuídos à televisão, frequentemente, considerada a grande vilã nessa história.

Sobre o encerramento das atividades do mercado exibidor cinematográfico, há uma conjugação de fatores, como as mudanças de hábitos da população urbana, a queda da rentabilidade das salas (que levaria vários proprietários a mudar de ramo e investir menos nas melhorias das salas), violência nas ruas, transporte coletivo deficiente, problemas de estacionamento, entre outros.

Por parte dos proprietários das salas, vários fatores foram apontados como razões para a diminuição do número de frequentadores de cinema. Alegavam que a valorização imobiliária do Centro fez com que alugassem ou colocassem a venda seus imóveis. Segundo eles o ramo do cinema dava muito trabalho e os impostos eram excessivos, além dos custos elevados da manutenção (aluguéis, salários, taxas, etc.). Apontavam, também, a obrigatoriedade de exibição dos filmes nacionais e a “baixa” qualidade dessa produção como motivo do afastamento do público (MALVERDES, 2008).

O acervo fotográfico “História da Exibição Cinematográfica no Espírito Santo” é composto por 173 itens fotográficos, sendo todos cópias digitalizadas colorida e em preto e branco, reproduzidas a partir de originais de vários acervos, a saber: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Arquivo Municipal de Vitória, Biblioteca Central da UFES/Coleções Especiais, arquivos pessoais de Marcelo Abaurre, família Castro Dalla, os irmãos Rubens e Penha Caretta e Valéria Rocha Dias Lopes e do fotógrafo José Tatagiba. Também existem entrevistas gravadas em áudio e vídeo no total de 9 (nove) entrevistas e aproximadamente 80 (oitenta) matérias de jornais e revistas, além de registro da Junta Comercial e Prefeituras.

Para melhor descrição das imagens que contam em detalhes esta história, está sendo de fundamental importância não somente trabalharmos os referenciais teóricos existentes como também a história oral, ou seja, os relatos de pessoas que viveram nas décadas passadas ou

que são profundas conhecedoras do tema com o objetivo de retratar a história de cada imagem.

2 A PESQUISA E A UTILIZAÇÃO DOS JORNAIS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Os jornais e revistas são importantes fontes de informação como documentos históricos para identificar uma determinada época e lugar. No Brasil, a imprensa periódica nasceu há mais de 200 anos com a imprensa Régia, que hoje é a Imprensa Nacional, fundada em 13 de maio de 1808. No Espírito Santo temos registro do jornal *Estafeta*, criado em 1840 e considerado pela historiografia capixaba como sendo a primeira tipografia do estado (BRITTES, 2010).

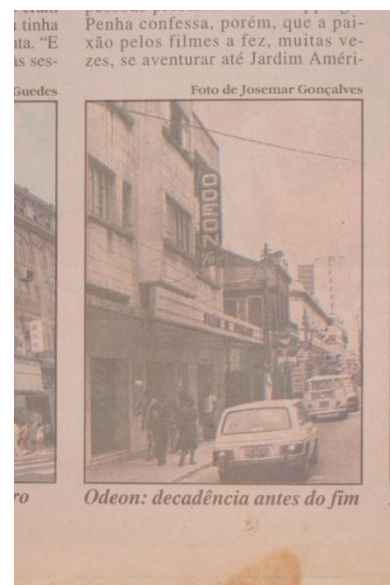
Os jornais, além de servir como fonte de informação noticiosa e narrativa ideológica, para demandas específicas, agrega elementos virtuais valiosos a partir do momento que a fotografia passa a ser utilizada na história da imprensa. Essas imagens sempre vêm acompanhadas de um contexto e uma legenda que favorece a identificação e a contextualização das mesmas. Outro item importante na utilização dessa fonte é a infografia, e no nosso caso, os anúncios dos filmes, da inauguração das salas, das grandes estréias que ocupavam por vezes as páginas inteiras ou até mesmo o destaque da capa (TEIXEIRA, 2008, p.67).



Imagem 1 - Capa do Jornal A Gazeta sobre a inauguração do Cine São Luiz, em 1951, no Parque Moscoso, no Centro de Vitória, que contou com a presença de autoridades e o elenco do filme *Aviso aos Navegantes*, entre eles Eliana, Anselmo Duarte e Ilka Soares, uma chanchada de grande bilheteria lançado pela Atlântida.

No início da pesquisa encontramos um número muito reduzido de imagens nos arquivos públicos. Apesar de termos um parque exibidor expressivo ao longo de nossa história, o assunto não contou com um material expressivo nos arquivos públicos disponíveis no estado. Algumas imagens como do Cine Odeon e o Cine Drive Camburi só foram possíveis graças a recuperação em edições de *A Gazeta*.

Imagem 2 – Foto do Cine Odeon, retirado do Jornal *A Gazeta*, de 1986, localizado na av. Jerônimo Monteiro, no Centro de Vitória.



O jornal *A Gazeta* iniciou-se em 1928 e serviu além das fontes citadas acima para um levantamento do gênero cinematográfico exibido nas salas locais. No início dos trabalhos foi necessário identificarmos os filmes exibidos nas salas para entendermos melhor a dinâmica da exibição no período de 1979 a 1985 (quando houve maior número de encerramento das atividades das salas de exibição em nível nacional e local). Todavia, o acervo da Embrafilme não estava disponível para pesquisa e não havia nenhum material que pudesse trazer à tona esse contexto na relação exibidor/espectador referente ao período.

Para alcançarmos essa informação foram necessários 6 (seis) meses de pesquisa. Identificamos nos cadernos de cultura do jornal (*Caderno Dois*), disponível em microfilme pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, um levantamento dos filmes exibidos catalogando o título, gênero, nacionalidade, data e sala de cada filme. Essa pesquisa totalizou 2.723 filmes catalogados, que possibilitou, além da programação, a identificação das salas que não haviam sido analisadas, crônicas sobre a situação da cultura cinematográfica no estado, fotos das salas, festivais de cinema, matérias sobre o encerramento, entre outras.

Tabela 1 – Filmes exibidos no ES: 1979-1985

Gênero do filme	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	Total
Aventura	360	200	167	175	148	119	112	1.281
Comédia	31	19	26	30	42	35	48	231
Desastre	3	5	1	1	-	-	-	10
Desenho	9	1	1	1	3	2	-	17
Documentário	5	3	9	-	1	4	1	23
Drama	30	33	16	16	21	24	13	153
Faroeste	30	26	19	8	10	2	1	96
Ficção	6	7	5	6	2	5	10	41
Musical	5	9	10	4	5	14	7	54
Policial	10	3	4	3	4	7	7	38
Pornochanchada	90	78	66	100	75	100	16	525
Suspense	12	1	-	2	5	6	4	30
Terror	4	7	4	6	5	10	7	43
Sem Classificação	3	25	8	24	5	15	1	81
Curta-metragem	-	-	5	10	2	-	-	17
Pornô	-	-	-	-	-	-	83	83
Total 2	598	417	341	386	328	343	310	2.723
Total de salas no ES	30	28	24	19	20	17	15	
Total de salas em Vitória	10	9	8	5	5	5	4	

Com essas informações foi possível avaliar o papel da Embrafilme na obrigatoriedade do cinema nacional nas salas de exibições locais, as influências dos filmes holywoodiano no período em questão, a participação das pornochanchadas e sua aceitação pelo público na última fase dos cinemas de calçadas no centro da cidade, o impacto da abertura da censura e a liberação dos filmes pornôs nas salas a partir de 1985 responsável pela mudança do perfil do público nas salas do centro, etc.

Outros jornais foram de fundamental importância na pesquisa. Entre eles destacamos o *Comercio do Espírito Santo*, o *Jornal Oficial* e a *Folha do Povo*, que permitiram identificar respectivamente a primeira exibição cinematográfica feita no estado, em 1901, com o Biographo Lumière; a inauguração do Eden Parque, que foi a primeira sala com exibição cinematográfica no molde que conhecemos, em 1907; e o incêndio do Teatro Melpômene, durante uma exibição cinematográfica em 1924.



Imagem 3 – Anúncio sobre o cinematógrafo no Eden Parque

No Eden Parque - No meio de significativa concorrência, realizou-se no sabbado ultimo, naquello excellento ponto de diversão, a estrêa do cynematographo dos Srs. Camões e Mayo. Além de vários quadros animados, foram reproduzidas diversas vistas fixas e photographias de alguns illustres personagens; e dentre ellas, nos offereceu o Sr. Victor de Mayo, não só a effigie do Exmo. Sr. Coronel Henrique Coutinho, dignissimo Presidente de Estado, como também a do illustre homem publico o Exmo. Sr. Coronel Augusto Camon, recebendo-os com applausos os circumstantes que, calorosamente proromperam em entusiastica salva de palmas à effigie do inesquecivel Marechal Floriano Peixoto.

Foram também reproduzidas as fachadas do estabelecimento *Pan Americano*, de propriedade do Sr. Rufino Azevedo e da *Casa Wellisch*.

O aparelho dos Srs. Camões e Mayo, podemos dizer que é um dos melhores que tem vindo a esta capital. Hoje haverá nova função na qual será exhibido um programa inteiramente novo de quadros animados. (Jornal Oficial, 15/01/1907)

Estamos atualmente realizando o inventário e a digitalização da Revista “Vida Capichaba”, fundada em 1923 e que conta com um acervo disponível até 1970. Material que contém imagens fotográficas, propagandas comerciais e crônicas sobre o cotidiano capixaba. Além do inventariado estamos digitalizando as fontes para disponibilizar o material futuramente aos interessados pelo tema nos arquivos e bibliotecas públicas do estado.

3 A IMPORTÂNCIA DOS ARQUIVOS PESSOAIS E DA HISTÓRIA ORAL PARA A PESQUISA

No início dos trabalhos, quando nos deparamos com a escassez de documentos nos arquivos públicos, procuramos identificar os ex-proprietários e familiares das salas de cinema, como também ex-funcionários e freqüentadores que pudessem contribuir de alguma forma com seus arquivos pessoais e memórias na identificação das fontes já levantadas e/ou pudessem fornecer novos subsídios para a pesquisa.

Identificamos como arquivos pessoais as mais diversas formas de escrita de si e o acúmulo de documentos e registros relativos à vida pessoal, cultural e pública de uma pessoa, tendo entre elas a forma narrativa, as biografias, as autobiografias, as memórias e a história de vida. A valorização do indivíduo como sujeito histórico possibilitou o preenchimento de determinadas brechas deixadas pela documentação no que diz respeito ao cotidiano, ao comportamento e às experiências de vida (TANNO, 2007, p.110). Temos que distinguir os arquivos pessoais dos arquivos privados, que podem ser referente a uma instituição e/ou pessoa, e também, dos acervos familiares, que compreende uma transmissão entre várias gerações.

Nos acervos pessoais dos entrevistados foi possível recuperar cartas, fotografias, recortes de jornais, ingressos, anotações. E a cada novo entrevistado esses “objetos biográficos” (BOSI, 2003) serviam como documentos significativos, que funcionavam como fontes estimulantes no processo narrativo auxiliando nas lembranças no decorrer das falas sempre carregadas de significado do passado.

Sobre a história oral e sua importância para o processo histórico Delgado (2006, p.70) destaca que:

A história oral, ao atuar na produção de documentos que têm como referência simultaneamente o conhecimento de processos históricos específicos e a memória individual dos depoentes, é um espaço vivificados da relação fértil entre a história e a memória. É também um método, um meio para a produção do conhecimento, potencializando uma rica visão temporal: sobre o passado vivido, sobre o presente no qual o depoimento está sendo colhido e sobre o futuro, uma vez que o registro de experiências é, na maior parte das vezes, realizado com desejo de transmissão e perenização de experiências.

Identificamos na história do parque exibidor cinematográfico quatro famílias que se destacaram, entre elas três receberam o projeto de pesquisa e abriram seus arquivos pessoais e aceitaram registrar suas entrevistas para a pesquisa. O Sr. Marcelo Abaurre que tem no seu pai, já falecido, o Sr. Dyonisio Abaurre, a inserção da exibição cinematográfica nos negócios da família. Marcelo tem um verdadeiro tesouro de “reliquias do passado cinematográfico capixaba”. Entre eles cartazes, cadeiras das salas, projetores, fotos, anotações de Dyonisio Abaurre, filmes e uma memória espontânea de grande valor para a identificação da trajetória das salas e da documentação recolhida.



Imagem 4 – Foto do Cine Jandaia: O cinema estreou com o filme *O Grande Sullivan*, em 22 de julho de 1955. Sala de propriedade da Empresa Dionysio Abaurre Com.Ltda. Localizado na Av. Princesa Isabel, Centro de Vitória. Acervo Marcelo Abaurre.

É necessário nesse contexto avaliarmos até onde os acervos pessoais, “tão procurado pelos historiadores por sua capacidade de revelar as sensibilidades de uma pessoa e, por extensão, de um grupo, poderiam colaborar para a obtenção de um entendimento mais sutil dos fenômenos da memória coletiva” (VIDAL, 2007, p.7). Todos os entrevistados tiveram alguma participação na atividade de exibição cinematográfica, sendo assim, em algum momento suas histórias individuais se misturaram a história coletiva da exibição cinematográfica no estado.

Algumas fotografias são únicas e só foram possíveis graças a cessão pelos entrevistados. No acervo pessoal de Valéria Rocha Dias Lopes, entre seus documentos estavam as

fotografias do Cine São Luiz, que contou com a presença de Luiz Severiano Ribeiro, do elenco do filme da Atlântida “Aviso aos Navegantes” e de autoridades locais (um total de 8 fotografias da estréia).

Vale destacar que ir ao cinema, pelo menos uma vez por semana, com sua melhor roupa era uma questão de *status*, e as inaugurações eram extremamente concorridas. No caso do Cine São Luiz era um cinema que estava numa área nobre da época e num edifício, que tinha o nome de seu proprietário Edgar Rocha, considerado de grandes proporções para o período.



Imagem 5 - Cine São Luiz, 1951 – Inauguração com presença de autoridades e o elenco do filme *Aviso aos Navegantes*, uma chanchada de grande bilheteria lançado pela Atlântida. Acervo Valéria Rocha Dias Lopes.

Destacamos aqui o alerta para os pesquisadores que utilizam esse tipo de arquivo para a importância de aceleramos os registros e a catalogação desse acervo tendo em vista que o não tratamento das informações proporciona o risco de perdemos para sempre o potencial dessa documentação. Isso acontece porque a transmissão desse tipo de arquivo para as gerações descendentes não consegue acompanhar a riqueza de memória individual de seus detentores e que sem elas dificilmente serão recuperadas.

4 ORGANIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO CINEMEMÓRIA

O acervo fotográfico “CineMemória” é uma iniciativa no âmbito do projeto de pesquisa “Acervos pessoais e memória coletiva: organização e tratamento técnico do acervo história da exibição cinematográfica no Espírito Santo” do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo junto a Pro-Reitoria Pesquisa e Pós Graduação (PRPPG) da Universidade Federal do Espírito Santo.

A pesquisa possui um acervo fotográfico composto por 173 documentos iconográficos, sendo todos cópias reproduzidas a partir de originais de vários acervos, compreendendo o período entre 1907 e 2008, retratando as salas de cinemas no Espírito Santo nas inaugurações, interiores, fachadas e eventos, além de material da imprensa local e registros audiovisuais com ex-proprietários e frequentadores das salas de exibição. Existem também fotografias incluídas de livros raros e imprensa, que foram incluídas por serem registros importantes das salas de exibição cinematográfica no Espírito Santo. Para a organização e o arranjo desse material realizou-se uma pesquisa bibliográfica e contatos com ex-proprietários das salas de cinema visando a aquisição e estabelecer as informações necessárias para descrever e organizar essas fotografias.

Além disso, o acervo conta com 18 entrevistas, 1958 notícias digitalizadas da Revista Capixaba⁴, 197 imagens de jornais noticiando inaugurações e fechamentos das salas, e dezenas de documentos oriundos de arquivos públicos como contratos, plantas arquitetônicas, autorização de funcionamento, entre outros.

A metodologia adotada na descrição baseou-se na Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) produzindo um instrumento de pesquisa arranjado em sete grupos divididos de acordo com a família, coleções de fotógrafos, material de imprensa e documentos relacionados aos cinemas oriundos da administração pública. A opção da adoção da NOBRADE no trabalho de descrição foi corroborado pelo convênio entre o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e o Departamento de Arquivologia onde se optou pelo depósito definitivo do acervo após seu tratamento técnico junto a instituição por entendermos que a finalidade última dos arquivos, a sua função básica, é tornar disponíveis as informações que estão sob a sua guarda no acervo documental.

⁴ A Revista Vida Capixaba (1923/1975) foi a revista de Vitória que mais tempo permaneceu periodicamente nas bancas. Com suas charges, artigos literários, poemas e colunas, ela conquistou o público de três décadas. A revista é um arquivo raro pois permitiu o pesquisador obter informações sobre o vitoricense do século passado sendo fonte de pesquisa para jornalistas, historiadores e estudantes do estado.

(...) o arquivo é um sistema de informação social que se materializa em qualquer tipo de suporte, sendo caracterizado, principalmente, pela sua natureza orgânica e funcional associada à memória; Desse modo, a principal justificativa do arquivo é a sua capacidade de oferecer a cada cidadão um senso de identidade, de história, de cultura e de memória pessoal e coletiva. (BARROS. Neves, 2009, p.58)

Sendo assim, também levamos em conta que o APEES faz parte do Sistema Nacional de Arquivos-SINAR, que tem como órgão central o Conselho Nacional de Arquivos-CONARQ, e que a resolução nº 28 dispõe sobre a adoção da NOBRADE pelas suas instituições integrantes.

Além disso, a padronização da descrição, além de proporcionar maior qualidade ao trabalho técnico, contribui para a economia dos recursos aplicados e para a otimização das informações recuperadas. Ao mesmo tempo que influem no tratamento técnico realizado pelas entidades custodiadoras, as normas habilitam o pesquisador ao uso mais ágil de instrumentos de pesquisa que estruturam de maneira semelhante a informação (BRASIL, 2006, p.10).

O acervo fotográfico do projeto é composto em sua maior parte por uma coleção originária de acervos pessoais e familiares. Para Cunha o conceito de coleção compreende a “reunião artificial de documentos, sem relação orgânica, agrupados de acordo com uma característica comum, tal como, entre outros, formas de aquisição, assunto, língua, suporte físico, (...), que reúne itens de diversas proveniências” (Cunha, 2008, p.91).

Segundo um segmento de arquivistas o processo de produção e acumulação dos arquivos pessoais, principalmente se tratando de coleções, não refletem as características típicas do arquivo, como naturalidade e organicidade, e somente os arquivos produzidos por organizações contam com as características necessárias para definir um conjunto de documentos como arquivo. (Oliveira, 2012, p.74)

Pode-se definir arquivo pessoal como o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadista, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possam ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade. (Bellotto, 2006, p.266)

Para Pavão (1997, p. 225) não é qualquer agrupamento ou conjunto de fotografias que se pode considerar uma coleção fotográfica. A noção de coleção preside um intuito, que lhe confere uma unidade, um significado próprio, difícil de encontrar num aglomerado de

fotografias. Cada elemento que integra uma coleção faz parte de um todo, impossível de ser entendido separadamente, ganhando sentido individual e coletivo através de seu conjunto. É essa noção de um todo orgânico que podemos chamar de coleção para a nossa pesquisa.

Uma coleção pode resultar da paciente procura do colecionador ao longo de anos ou da pesquisa de um historiador, como o nosso caso, ou crítico de arte sobre um determinado tema ou período; pode advir da acumulação de fotografias de uma família ao longo de gerações, como na nossa pesquisa, ou pode ser resultado de um fotógrafo ou gerações de fotógrafos como em um clube de fotografia. O inter-relacionamento dessas fotografias podem acontecer em conjunto de imagens reunidos por um jornal no decurso de suas atividades; ou ainda as imagens de uma cidade acumuladas, casualmente pelo município ou departamento de turismo, ilustrando a evolução urbana da região ao longo do tempo, ou seja, uma coleção tem mais valor do que a soma de cada uma das partes individualmente.

O trabalho em coleções fotográficas tem que ter como princípio norteador o respeito ao princípio da proveniência⁵ como elementos base de sua organização, mantidas como núcleo indivisível para conservar toda a sua carga histórica própria (conhecida e desconhecida). O caso da produção e acumulação de fotografias por parte de uma pessoa não tem um processo de gestão de documentos como no caso de uma organização que são classificadas e identificadas. Para a pessoa na sua vida privada as fotografias se encontram em caixas ou pequenos álbuns sem nenhuma identificação ou, nos dias atuais, num CD ou HD que indica apenas a data ou o dia como identificação da imagem. Para o produtor da fotografia não há necessidade de identificação criteriosa, visto que ele tem em mente os fatos e as pessoas que estão ali registradas. (Oliveira, 2012, p. 74)

Assim sendo, as coleções tem origem em ações voluntárias de seus colecionadores, ou em ações mais involuntárias no caso de fotógrafos e estudiosos, que acabam reunindo, ou pelo menos tentando, as coleções com algumas técnicas mais coerentes e interessantes. Os colecionadores morrem e quem o herda nem sempre tem o mesmo valor que o colecionador tinha em vida. O herdeiro precisa de espaço ou do dinheiro que a coleção pode valer, e está fardo da poeira e sujidade do acervo. Doadas ou vendidas as coleções acabam por entrar num arquivo, museu ou biblioteca, geralmente após um longo período de abandono e negligência, cabendo ao profissional da informação a tarefa de desvendá-lo (Pavão, 1997, p. 257).

⁵ o princípio segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa.

Ao [profissional da informação] cabe montar um quebra-cabeça. As peças estão reunidas, e cada uma guarda a individualidade, um símbolo, ou seja, um conjunto unitário que necessita juntar-se a outro conjunto unitário. Cada conjunto unitário ou peça do quebra cabeça possui signos, completos ou não, que até podem individualmente apresentar um sentido próprio. No entanto, somente no conjunto formarão uma imagem única e plena de sentido. Os quebra-cabeças não vêm com manuais de instrução, mas é possível definir métodos de abordagem para que as peças sejam colocadas em seus respectivos lugares e se complementem. Iniciamos pelos ângulos e concluímos o contorno, a sequência e gradação das cores e formas que devem ser perseguidas, não devemos forçar o encaixe – se não encaixam docemente é porque não se pertencem -, e assim por diante. (Oliveira, 2012, p. 75)

O trabalho de notação também foi pensado para atender a disponibilização do acervo junto ao APEES e seguindo a NOBRADE, sendo que utilizamos o código BR (obrigatório), APEES (da instituição custodiadora) e na sequência a identificação da coleção CineMemória e do grupo conforme a tabela abaixo.

GRUPO	SUBGRUPOS
Família Abaurre Código: ABA	Cine Paz
	Cine Colorado
	Cine de Lourdes – Vitória
	Cine de Lourdes – Linhares
	Cine Jandaia
	Cine Juparanã
Família Careta Código: CAR	Cine Castelo
	Cine Aterac
	Cine Hollywood
Família Rocha Código: ROC	Cine Capixaba
	Cine Colorado
	Cine São Luiz
	Cine Vitória
Família Gama Código: GAM	Cine Alhambra
	Cine Floresta
	Cine Idelmar
Coleções de Fotografos Código: COL	Acervo José Tatagiba
Material de Imprensa Código: IMP	Dôssie Inauguração
	Dôssie Encerramento
	Dôssie Notícias
Documentos Públicos Código: PUB	Dôssie Plantas
	Dôssie Documentos Administrativos



BR.CINEMAES.CAR.073. Inauguração do Cine Vitória, Centro, Vitória, com o público aguardando a sessão do filme Bagdá. Vitória. 04 out. 1950. Acervo Família Rocha.

O acervo foi contemplado pelo edital 32/2012 do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo – FUNCULTURA, referente a Projetos Culturais e Concessão de Prêmio para Inventário, Conservação e Reprodução de Acervos no Estado do Espírito Santo, que irá possibilitar a elaboração de um inventário analítico das fotografias que será depositado após o tratamento no APEES. O acervo conta ainda como forma de difusão e para contribuições de depoimentos e novas aquisições de imagens com o blog <http://salasdecinemadoes.blogspot.com.br/>, onde já recebemos fotografias, depoimentos e vários acessos inclusive de outros países, como Rússia, Argentina, Índia, Portugal, Alemanha e Reino Unido.

Os inventários são, pela ordem hierárquica dos níveis da classificação, os instrumentos de pesquisa que se seguem ao guia. Eles buscam oferecer um quadro sumário de um ou mais fundos ou coleções. O objetivo é descrever as atividades de cada titular, as séries integrantes, o volume de documentos, as datas-limite e os critérios de classificação e de ordenação. Ao contrário do guia, os inventários devem, necessariamente, abordar conjuntos documentais com algum nível de organização do ponto de vista da classificação arquivística. A descrição das séries documentais de cada fundo é uma atividade fundamental para permitir o pleno acesso aos documentos de um arquivo. O processo de descrição consiste na elaboração de instrumentos de pesquisa que possibilitem a identificação, a busca, a localização e a utilização da informação. (LOPEZ, 2002, p.29)

No decorrer desse processo de descrição o trabalho só é possível com a participação desses indivíduos envolvidos diretamente no contexto da imagem como proprietários, frequentadores, funcionários que viveram diretamente esses espaços de entretenimento e prática social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia é um dos documentos mais sedutores na pesquisa histórica e também a que propicia um maior número de armadilhas para o anacronismo. A fotografia nos arquivos históricos ainda é a vedete dos lugares da memória. A veracidade da informação cabe ao profissional organizador, mas também ao pesquisador, como em qualquer outro documento quer for analisado. Organizar o acervo dentro de uma metodologia pertinente e propiciar as informações necessárias ao usuário é uma tarefa infundável.

Joana Smit destaca que “a descrição de uma imagem nunca é completa” (apud Manini, 2008, p. 157), por mais que o profissional busque um detalhamento minucioso na tentativa de atingir o que se vê na imagem, sempre haverá algo se se perguntar sobre ela, algo que a pessoa que descreve desconhece, esqueceu ou que passou despercebido.

Muitas vezes o que está em foco na imagem na nossa coleção pode ser resultado de uma multiprocedência, uma foto que pertence ao Arquivo Municipal de Vitória tem como ponto resumo da descrição a Avenida Jerônimo Monteiro, mas num segundo plano o cine Central com uma fila para uma sessão de cinema. Essa mesma fotografia poderá servir para uma coleção de um estúdio ou centro de informação sobre a arquitetura da cidade.

O presente trabalho de pesquisa resultou em vários produtos, tais como livros, exposições, palestras, blog e atualmente estamos organizando o seu inventário. Cada divulgação gera novas contribuições e aquisições do acervo com um cuidado diferenciado já que ele é composto de documentos digitais. De um lado as desvantagens do risco de perda que estão submetidas as imagens digitais, a dificuldades de conservação dos suportes e sua obsolescências, por outro as vantagens da conservação e difusão do acervo, maior rapidez na localização do material e o fato que documentos digitais podem ser reordenados e agregados com enorme facilidade.

Com a divulgação do material pela internet e pela mídia espontânea o projeto pretende atingir ao máximo as quase duzentas salas de exibição que funcionaram em todo o estado ao longo de sua história, seguindo a metodologia adotada, permitindo a inclusão de novas fotografias, informações e provavelmente novos itens descritivos além dos adotados.

Assim, o projeto CineMemória continuará com seu trabalho de mediar o acesso à informação entre o pesquisador e o acervo arquivístico, incluindo-se aí o acervo fotográfico, que constitui uma valiosa parte do patrimônio cultura capixaba e fonte de pesquisa aos interessados pela história do mercado exibidor cinematográfico brasileiro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Dirlene Santos, NEVES, Dulce Amélia de Brito. *Arquivo e memória: uma relação indissociável*. In: TransInformação, Campinas, 21(1): 55-61, jan./abr., 2009

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da Memória. Ensaios da Psicologia Social*. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanente: Tratamento Documental*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. *NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

BRITTES, Juçara Gorski. *Aspectos históricos da Imprensa Capixaba*. Vitória: Edufes, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Convite a Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, Murilo Bastos da. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral – memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1999.

LOPEZ, André Porto Ancona. *Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa*. São Paulo : Arquivo do Estado, Imprensa oficial, 2002.

MALVERDES, André. *No escurinho dos cinemas: A história das salas de exibição na Grande Vitória*. Vitória: 2008.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: Reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbiler, 2012.

PAVÃO, Luis. *Conservação de coleções de fotografia*. Lisboa. Dinalivros, 1997.

TATAGIBA, Fernando. *História do Cinema Capixaba*. Vitória. PMV. 1988.

TANNO, Janete Leiko. *Os acervos Pessoais: Memória e identidade na produção e guarda dos registros de si*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007 p.110.

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CAMPELLO, Bernadete Santos, CALDEIRA, Paulo da Terra (orgs). *Introdução às fontes de informação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

VIDAL, Laurent. *Acervos pessoais e Memória Coletiva – alguns elementos de reflexão*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007. P.1